


A presença de Sêneca e do tema da vida ocupada em aforismos para a sabedoria de vida de Schopenhauer

Pedro Damasceno Uchôas¹



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

 <https://doi.org/10.32459/2447-8717e256>

Recebido: 23-08-2023 | **Aprovado:** 17-10-2025 | **Publicado:** 29-12-2025

Resumo: Este artigo tem por objetivo principal apresentar a influência do pensamento de Sêneca nas ideias de vida ocupada e de solidão em Aforismos para a sabedoria de vida de Arthur Schopenhauer. Schopenhauer desenvolve em Aforismos um pensamento filosófico ético/moral distinto do veiculado em O mundo como vontade e representação. Para isso, faz uso de conceitos e algumas noções já antes discutidos por Sêneca, ressignificando a ideia da sabedoria de vida como uma opção na condução da vida em um mundo no qual, essencialmente, imperam os desejos e o sofrimento. O indivíduo deve, pois, adotar certas máximas de vida responsáveis por tornar sua vida privada menos desagradável, prestando atenção às suas deliberações cotidianas.

Palavras-chave: Sabedoria de Vida; Sêneca; Schopenhauer.

Abstract: This paper has as its main aim to present the influence of Seneca's thought on two Schopenhauer's ideas which were discussed in the work Aphorisms on the wisdom of life: busy life and solitude. In Aphorisms, Schopenhauer develops an ethical/moral philosophical thought different from the one once communicated in the book The World as will and representation. In order to do this, he employs concepts and notions which Seneca has already discussed in his works, searching for resignifying the idea of the wisdom of life as a way of guiding the individual human being through the course of life in a world, essentially, ruled by suffering and desire. The individual must, in order to live better and less unhappy, adopt life maxims and pay attention to its everyday decisions.

Key-words: Wisdom of life; Seneca; Schopenhauer.

¹ Graduado em Licenciatura e Bacharelado em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Mestre pelo programa de pós-graduação de Filosofia (UFJF) e Doutorando pelo programa de Pós-graduação em Filosofia da UFSCar.

Aforismos para sabedoria de vida é uma obra que reúne de aforismos de grande importância para a obra de Arthur Schopenhauer em sua totalidade que versam sobre máximas de conduta na vida do ser humano. Como parte integrante de *Parerga e Paralipomena*, obra tardia do autor, ele se configura por um estilo distinto do estilo sistemático² adotado em *O mundo como vontade e representação*. Através de aforismos, pequenos fragmentos autônomos que, por sua vez, se relacionam na grande temática da obra, transmitem visões e abordagens, Schopenhauer expõe aquilo que compreende como sendo máximas e reflexões sobre a maneira segundo a qual o ser humano deve ou deveria conduzir sua vida individual no mundo e em sociedade (BARBOZA, 2015, p. 8).

No decorrer dessa obra, Schopenhauer desenvolve uma visão profunda e significativa da “arte de conduzir a vida do modo mais agradável e feliz possível”. Ainda que por “mais feliz possível” queira dizer “do modo menos infeliz possível” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 17). A grave tônica pessimista ético-metafísica que, de certa maneira, percorre seu sistema de filosofia, veiculado principalmente por meio de *O mundo como vontade e representação*, é parcialmente desviada em direção a uma abordagem da condução possível da vida em um mundo que está muito longe de ser o melhor dos mundos possíveis.

Em *O mundo*, Schopenhauer sempre se refere à realidade conhecida e na qual se vive como um mundo de disputas infundáveis e constante tensão entre todos os seres vivos, entre eles e o “reino” inorgânico e entre o inorgânico e todo o resto. De modo que uma visão cuidadosa e observadora do mundo que cerca o ser humano deveria revelar não uma convivência pacífica e coexistência de suas partes, mas sim objetivação da Vontade una que se manifesta e pode ser reconhecida em um mundo de disputa e de luta constantes pela vida e pela morte, na busca pelo alimento, na reprodução, na afirmação infinita das espécies naturais e do poder massivo das forças naturais que a tudo imperam (SCHOPENHAUER, 2005, p. 398). Nesse contexto teórico a postura comedida e raciocinada diante da vida não seria o suficiente, alerta Schopenhauer, para uma vida de beatitude e ausência de sofrimento, visto ser o sofrimento intrínseco à própria natureza do mundo. Visto que ele surge a partir de uma série de desejos não resolvidos e saciados e que a natureza íntima, a essência do mundo, consiste em uma vontade que quer incessantemente, evitar os desejos e as situações

² Deve-se pensar, contudo, que a noção de “sistema” da qual trata Schopenhauer é bem distinta da sistematicidade característica dos autores a ele contemporâneos e denominados idealistas alemães. Schopenhauer não possui por compromisso formular uma primeira proposição da qual se derivam todos os saberes do texto, tal como em um edifício estruturalmente constituído, mas sim comunicar um pensamento ordenado (oposto à rapsódia) que possui uma estrutura determinada que não se vincula ao ideal ascendente dos sistemas idealistas de Fichte e de Schelling (SCHOPENHAUER, 2005, p. 19).

que os favorecem em seus níveis mais elevados não suprime inteiramente o querer, parte da vida. Pois querer viver sem sofrimento é algo impossível. Como um exemplo, afirma o autor sobre o empreendimento da ética estoica:

Essa minha visão da ética estoica me levou aqui a falar sobre ela no lugar em que exponho aquilo que a razão pode realizar. Porém, por mais que aquele fim, pelo emprego da razão e de uma ética meramente racional, seja em certo grau alcançável e embora a experiência mostre que os caracteres mais felizes são os racionais, que comumente e de maneira geral são chamados filósofos práticos – com razão, pois enquanto o filósofo propriamente dito, o teórico, transfere a vida para o conceito, os outros transferem o conceito à vida –, ainda assim falta muito para que algo perfeito seja trazido a bom termo por essa via, e, assim, de fato, a razão, corretamente empregada, possa livrar-nos de todo fardo e sofrimento da vida e conduzir-nos à bem aventurança. Antes, verifica-se uma completa contradição em querer viver sem sofrer, contradição que também se anuncia com frequência na expressão corrente “vida feliz”. Isso o compreenderá quem seguir e apreender toda a minha exposição (SCHOPENHAUER, 2005, pp. 146-147).

Como Schopenhauer mesmo afirma na introdução de *Aforismos*, a abordagem dessa obra deve ser distinta, tal como um *desvio* (*abgehen müssen*) em relação à visão “superior” (*böheren*) de *O mundo* na qual a filosofia deveria sempre conservar uma postura contemplativa (SCHOPENHAUER, 2005, p. 353), para que possa tratar mais diretamente do tema da vida como algo desejável ou preferível à não existência e do modo como se poderia pensar em uma maneira mais adequada de se viver no mundo, dada sua natureza (SCHOPENHAUER, 2015, p. 17). Sua abordagem torna-se empírica e menos teórica, tal como uma “filosofia para a vida *no* mundo” (DEBONA, 2013, p. 129).

É fundamental salientar, contudo, que Schopenhauer não abandona a abordagem de *O mundo* e simplesmente dá início a uma nova exposição de tudo, mas trata, mais especificamente, da possibilidade do pensamento acerca da *Eudemonologia*, ou “instrução para uma vida feliz” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 17). O mundo a cercar o indivíduo, nesse caso, permanece aquele tal como investigado em sua obra magna, ainda que em *Aforismos* seja tratado também de um ponto de vista menos objetivo e mais subjetivo/particular. Nesse aspecto, o autor comenta sobretudo sobre o mundo do qual cada indivíduo recebe impressões e sobre o qual é capaz de desenvolver visões. Por essa razão, o mundo não é abordado em *Aforismos* somente segundo sua investigação ontológico-metafísica, mas de um ponto de vista (*Standpunkt*) segundo o qual cada ser humano para concebê-lo de modo distinto, ainda que seja, ontologicamente, o mesmo ambiente sempre, visto, todavia, pelos olhos de indivíduos de caracteres distintos. Como expressa na seguinte passagem do primeiro aforismo do Capítulo 1.

[P]ara o bem-estar do homem, para todo o modo de sua existência, a coisa principal é, manifestamente, o que se encontra ou acontece dentro dele mesmo. Com efeito, é nisso que reside imediatamente o seu contentamento íntimo, ou descontentamento, que é antes o resultado do seu sentir, querer e pensar; enquanto tudo o que se situa na exterioridade tem apenas uma influência mediata. Por isso os mesmos acontecimentos, ou situações exteriores, afetam de modo diverso cada pessoa e, em igual ambiente, cada um vive num mundo diferente (SCHOPENHAUER, 2015, p. 20).

A síntese prática da ideia de eudemonologia da qual Schopenhauer faz uso é aquela segundo a qual se deve pensar acerca do modo mais adequado de conduzir sua ação segundo certas máximas que tornem a vida passível de fruição e de desejo³. Para que se possa viver assim, é preciso, em primeiro lugar, buscar sempre a ausência do sofrimento, na medida em que o homem, em sua particularidade de caráter inteligível⁴, priva-se de expor a si mesmo a situações que, conhecidamente em seu íntimo, produzem sofrimento, incluindo-se a generalidade do sofrimento provocado pela busca incessante de satisfação dos desejos.

No contexto da abordagem da busca pela vida mais desejável surge a figura do “homem inteligente”, que, em suma, é aquele que, agindo em acordo com as máximas schopenhauerianas da obra, poderá estar consigo mesmo, sozinho, sem sofrimentos demasiados, e que, por sua conta, busca a serenidade, o sossego e o ócio (SCHOPENHAUER, 2015, p. 34). É, de fato, notável a importância que Schopenhauer atribui, ao longo de todo o texto dos *Aforismos*, à vida “individual” e ao caráter de cada ser humano. Mantendo sempre a tônica de que o subjetivo é “incomparavelmente mais essencial do que o objetivo para a nossa felicidade”. Grande expressão dessa ideia se encontra na figura emblemática mencionada. Sua vida deverá ser pensada e planejada com vistas à ausência de dor, possível somente através do autoconhecimento de seu caráter e de sua disposição inata para determinadas atividades (SCHOPENHAUER, 2015, p. 34).

Assim, vivendo no mundo, pode perceber aquilo que lhe apraz e que minimiza os sofrimentos pessoais. Ao longo da descrição dessa figura significativa, Schopenhauer aborda a interessante ideia de que o mais valioso, e assim também deve reconhecer o homem inteligente, é aquilo que cada um possui em si mesmo, em sua interioridade. Homem inteligente algum necessitaria criar distrações e recorrer constantemente a passatempos ou

³ Schopenhauer não oculta as suas influências aristotélicas na discussão da ideia de *Eudaimonia*. Constantemente cita a obra *Ética a Nicômaco* e faz uso de trechos seus para ilustrar e mesmo introduzir alguns de seus aforismos. Ainda que comente, no fechamento da *Introdução*, que sua tarefa nessa obra não foi a de “compilar” autores anteriores, buscando sempre construir uma visão própria e original acerca da realidade e do ser humano (SCHOPENHAUER, 2015, p. 18).

⁴ As distinções que Schopenhauer elabora entre caráter inteligível, caráter empírico e caráter adquirido são debatidas, de um ponto de vista ontológico e metafísico, em *O mundo como vontade e representação*. Nessa obra, o autor busca investigar o caráter dos tipos naturais, ou das espécies de coisas, segundo o núcleo essencial das vontades (caráter inteligível) neles expressas como corpo físico, dotado de partes e de ações particulares dadas no tempo (caráter empírico) (SCHOPENHAUER, 2005, p. 163).

conversas, mas contentar-se com o que possui, imagina e pensa, contrariamente à ideia de que alguém poderia se tornar mais feliz por excesso de recursos ou pretensões extremadas de posse. Ele não se estagna e se atenta demasiadamente aos acontecimentos exteriores, mas encerra-se em si mesmo e desfruta de sua própria presença. Desse modo, Schopenhauer afirma, será habitual que os homens de tal alçada tendam a se isolar do convívio excessivo, buscando menos no mundo que em si mesmos.

Apesar de Schopenhauer não se referir, nesse momento, diretamente ao texto de Sêneca *Sobre a brevidade da vida*, alguns elementos de seu discurso sobre o homem inteligente parecem remeter diretamente a elementos do pensamento de Sêneca em se tratando das reflexões feitas pelos seres humanos sobre a brevidade da vida. Um trecho do texto de Sêneca mencionado chama atenção por tratar de uma questão muito similar, ao opor os homens de emoções instáveis, que praticamente não são capazes de lidar consigo mesmos em solidão, e aqueles homens de emoções controladas e estáveis, dotados de uma habilidade especial pela qual podem escolher viver em paz com sua interioridade, expondo-se o menos possível a situações causadores de sofrimento. Sobre isso, Sêneca ainda afirma que os primeiros tendem a se lançar em qualquer ocupação, buscar incessantemente por algum tipo de passatempo que evite que possam ficar expostos por muito tempo a si mesmos. Livres de ocupações, eles se sentem entediados e enfadados e desejam encontrar alguma atividade, mesmo que momentânea, para tirá-los dessa situação (SÊNECA, 2017, p. 24). O autor estóico enumera alguns hábitos característicos daqueles que vivem expondo o que possuem, que buscam por formas de, em contato humano, manifestar a “grandiosidade” de suas posses materiais e ornamentos de vida e não se preocupam, enfim, com o gozo de suas capacidades intelectuais e com o desfrute da aquisição de sabedoria e de conhecimento por meio da leitura e do diálogo (SÊNECA, 2017, p. 25-26).

Através de uma alusão aos tempos passado, presente e futuro, Sêneca reflete sobre aquele que se angustia pelo passado irrecuperável, mal aproveitado, sinônimo de arrependimento ou mesmo algo inteiramente esquecido, pelo presente de ansiedade e distrações e pelo futuro de incertezas. Afirma: “Brevíssima e demasiado angustiosa é a vida daqueles que se esquecem do passado, negligenciam o presente e temem o futuro” (SÊNECA, 2017, p. 30). O homem que se pretende conduzir a vida de uma melhor forma deve privar-se dos excessos de movimentos exteriores, da busca incessante por prazeres momentâneos, que logo findarão, e se afastar de todas essas atividades que, ao fim, tornarão a vida ainda mais curta para aquele que a vive. Quando, olhando para sua própria trajetória, encontrar nela pouca sabedoria, pouca devoção para com o melhor modo de conduzir a vida

e ocupações demais. O homem sábio deve desfrutar mais do *ócio*, que, nesse sentido, não será conceituado como a mera ausência de ocupações, mas como o momento propício para a reflexão e para o aprendizado; para a tomada de decisões que serão lembradas e não lamentadas ou esquecidas; para a conservação do frescor do tempo que corre muito rapidamente. É necessário, longe do ocupar-se com muitas distrações, guardar-se para si, e, interiormente, refletir e aprender com todos os grandes pensadores, presentes ou não, e apreciar aquilo que eles ensinaram e conceberam em outros tempos, mas que muito diz sobre o tempo vivível racionalmente pelo ser humano. Nas palavras do autor:

Já que a natureza nos permite participar de qualquer época, por que não nos voltarmos por inteiro deste exíguo e cadente trânsito temporal para aqueles períodos que são imensos, que são eternos, que são compartilhados com mentes melhores? (SÊNECA, 2017, p. 28).

,Ainda que em uma abordagem diversa em princípios da abordagem de Schopenhauer, transparece no ideal de Sêneca a noção de uma necessária retirada das ocupações em demasia e da apreciação do tempo com aquelas atividades de raciocínio cujo objetivo final acaba por ser o da melhoria do tempo de vida vivido e de seu melhor aproveitamento, não porque ocupado, mas porque edificante para a vida particular e para o desenvolvimento de uma consciência individual mais profunda e repleta de conhecimento sobre a realidade (SÊNECA, 2017, p. 29)

Semelhante, a ideia de *vida ocupada* em Schopenhauer se delineia no contexto de uma explicação do modo como cada ser humano é capaz de viver consigo mesmo e com aquilo que possui em sua interioridade. De modo geral, grande parte da contribuição para a *felicidade*, ou da redução no sofrimento em vida, se dá pelo caráter de cada ser humano, por aquilo que alguém é. Esse ser algo não é adquirido, sendo adquirido somente o conhecimento sobre o caráter que se possui. O tema da *caracteriologia*, como é em geral conhecido, ocupa parte importante de *O mundo como vontade e representação*, sobretudo do pensamento metafísico da segunda parte da obra, e considera, grosso modo, que o caráter inteligível, aquele que subjaz a todos os atos e desejos particulares dos seres, é imutável.

A investigação de Schopenhauer o leva a compreender que cada caráter, aqui em um significado amplo que inclui as espécies animais e vegetais, e mesmo as forças naturais, é um ato indiviso e uno da vontade, sendo como que o núcleo de querer infundado ao qual se é inevitavelmente reconduzido se se detém na origem das muitas vontades particulares no curso de uma vida, ou na aparição de um certo tipo natural. Dessa maneira, o aparecimento já determinado pelo espaço e pelo tempo seria uma manifestação desse caráter, desse núcleo,

como sua decomposição no tempo vivido e nos fenômenos observáveis. O que, nesse caso, àqueles que já tiveram ou possuem um contato com a filosofia de Schopenhauer, será o equivalente à Ideia, ou ao que se pode denominar grau de objetivação da vontade. Diz o autor:

O caráter inteligível coincide, portanto, com a Ideia ou, dizendo mais apropriadamente, com o ato originário da Vontade que nela se objetiva. Em verdade, não é apenas o caráter empírico de cada homem, mas também o caráter empírico de cada espécie animal, sim, de cada espécie vegetal e até mesmo de cada força originária da natureza inorgânica que deve ser visto como fenômeno de um caráter inteligível, isto é, de um ato indiviso e extratemporal da Vontade (SCHOPENHAUER, 2005, p. 221-222).

Contudo, distintamente de todos os outros seres nos quais tal caráter é determinante da espécie como um todo, para além dessa determinação o ser humano ainda possui uma mais particular: cada indivíduo possui um certo caráter que, ainda em relação com o mais amplo da espécie humana, é particular seu. Dessa maneira, cada ser humano agirá de forma ligeiramente distinta, respondendo de modos distintos às mesmas situações. Ainda que cada um desses indivíduos responda, no seu curso de vida, de modo semelhante às mesmas ocasiões, consistindo nisso a exposição empírica de seu caráter inteligível. Diga-se de passagem, agirá como age diante de certos motivos por ser de uma certa maneira. Mas por mais que haja nisso uma determinação constitutiva e inegável de cada caráter inteligível ao seu desdobramento em um curso de vida, Schopenhauer introduz o interessante conceito de caráter adquirido. Segundo o autor, esse caráter adquirido consistiria na inteligência e no saber *daquilo que se quer*, ou, mais profundamente, do que é o seu caráter, dos desejos que o constituem em seu íntimo e “o que pode fazer” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 392). Assim, somente dotados desse conhecimento podem os seres humanos se orientar no mundo e escolher por aquelas atividades ou situações nas quais saberá, de antemão, que não se frustrará, por exemplo, ou que não carecerá de meios para exercer. Como bem diz o autor:

Não mais, feito novíços, vamos esperar, ensaiar, tatear para ver o que de fato queremos e o que estamos aptos a fazer, mas já o sabemos de uma vez por todas e temos apenas de em cada escolha aplicar princípios universais em casos particulares, para assim rápido tomar a decisão. Conhecemos nossa vontade em geral e não nos permitimos ser seduzidos por disposições ou exigências exteriores em vista de decidir no particular o que iria contrariar a vontade em geral. Conhecemos, portanto, o gênero e a medida de nossos poderes e fraquezas, economizando, assim, muita dor (SCHOPENHAUER, 2005, p. 394).

Aforismos faz uso desde seu início da consideração do caráter e é conduzida de modo a considerar três importantes aspectos da vida particular de cada ser humano: *daquilo que alguém é, daquilo que alguém tem e daquilo que alguém representa*. No contexto da abordagem da

obra, o tema daquilo que alguém é estará indissociavelmente conectado à caracteriologia exposta em *O mundo*, consistindo em fator determinante para a condução da vida o menos infeliz possível. De modo que uma pergunta como essa, acerca do *que alguém é* deve implicar uma investigação da natureza essencial e predeterminada do ser humano e desse ser humano que se questiona em particular. Ora, será somente através do conhecimento de si mesmo, de seu caráter adquirido, que será possível raciocinar acerca do que se é e do que se pode fazer, que seria o mesmo que o que cada um deseja. No interior da primeira divisão da obra, Schopenhauer faz uso diretamente da imagem do homem inteligente, ou aquele que, como é apresentado na parte *V* do texto, faz uso constante da máxima aristotélica, exposta por Aristóteles em *Ética a Nicômaco*, de que “o prudente aspira não ao prazer, mas à ausência de dor” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 105).

Nesse contexto, Schopenhauer introduz os temas da *vida ocupada* e da *solidão* e se aproxima das reflexões de Sêneca em *Sobre a brevidade da vida*. Aproximação que pode ser percebida segundo o que se segue. Na teoria que formula, Schopenhauer define as principais fontes de sofrimento do ser humano como a dor e o tédio (SCHOPENHAUER, 2015, p. 32). Por um lado, “a necessidade e a privação, geram a dor; em contrapartida, a segurança e a abundância geram o tédio” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 33). Aqueles que carecem de riquezas externas, materiais, incluindo-se alimentos, estão sempre entregues à necessidade da aquisição, ao desejo de possuir, de obter e a privação daquilo que tanto desejam, não sendo, em geral, o suficiente para o que necessitam. Assim também se desenha a vida humana em *O mundo*, em um sentido bem amplo, no qual todos os seres vivos estão destinados a desejar muito mais do que podem alcançar e possuir, sendo sua própria natureza a do desejo sem fim. Sobre isso, deve-se considerar a filosofia metafísica do autor desenvolvida no segundo livro da obra referida.

Por outro lado, aqueles que possuem posses excessivas, mais do que o suficiente para que não pereçam, mesmo que não procurem ativamente alcançar algum bem material, estão entregues ao tédio, ou a ânsia contínua “por estímulos exteriores, para colocar o espírito e a mente em movimento mediante qualquer meio” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 33). São esses aqueles mais suscetíveis do que se denomina a *vacuidade interior*. Essa característica negativa, da vacuidade que reflete o tédio, acabará por levar o ser humano à busca pela *vida ocupada*, ou pela vida repleta de distrações, na qual o indivíduo se vê mergulhado e sem a qual se sente inquieto, nervoso e entediado, sempre em busca de novas distrações que possam colocar seu pensamento em movimento. Assim, não possui uma empreitada de vida ou um plano racional mais ordenado, máximas de ação ou coisas do tipo, como que consumindo

sua vida dia após dia (SCHOPENHAUER, 2015, p. 113). Mas prevalece, sempre, sua necessidade e ânsia pela busca por fontes de movimento externas a si mesmo e de outras distrações para que possa ocupar seu tempo. Distintamente, aquele que se incube dos seus próprios pensamentos, tanto acerca de si mesmo quanto de todas as outras coisas do mundo, pode produzir, ele mesmo, esse movimento, tornando-se cada vez mais distante do tédio. Assim, faz uso de seu decurso de vida de modo mais raciocinado possível, atento ao que ocorre em si e ao que ocorre no mundo, sem se tornar presa de toda situação e sem recair no tédio. Mas, mais interessante, tal ser humano será capaz de distinguir e de conhecer a si mesmo, seu caráter, e de se ajustar em relação à objetividade do mundo, pondo-se ou não em situações que, de antemão, sabe como reagirá interna e externamente. Evita, assim, o sofrimento por meio de seu raciocínio e de seu autoconhecimento. Dessa maneira, tomado por seus pensamentos e senhor de seu próprio tempo, vive melhor em solidão e não necessita do movimento externo dos jogos e das distrações para viver melhor. Pode-se considerar sua presença na categoria que Schopenhauer delimita, no início de seu texto, “do que alguém é”, como a inteligência e seu cultivo (SCHOPENHAUER, 2015, p. 19).

Portanto, a vida ocupada simplesmente como ocupação de tempo, seja pelos olhos de Schopenhauer ou de Sêneca, é negativa e dificulta a fruição do tempo de vida que cada indivíduo vive, é sinônimo de um espírito ou de uma subjetividade vazia. Exatamente como aquele ser humano que busca no mundo e nos acontecimentos ao redor uma riqueza de assuntos ou de estímulos que não possui em si mesmo. Pode ser, assim, repleta de desgaste temporal e ocasionar a consciência e a impressão vivas de uma vida desperdiçada (SÊNECA, 2017, p. 20), de um tempo mal aproveitado, da sensação de que a vida mal foi vivida. O ócio do homem que não consegue conviver com sua própria inteligência e com seus pensamentos, sem cultivo e incentivo interno e subjetivo algum, é sinônimo de “tédio e apatia” a serem preenchidos com algo qualquer tanto em Schopenhauer (SCHOPENHAUER, 2015, p. 35) quanto em Sêneca (SÊNECA, 2017, p. 27), ambos os autores cuidadosos e atentos à ideia de que o homem inteligente e o sábio não ocupam, simplesmente, o tempo ocioso, mas o desfrutam, internamente, com o poder de seu intelecto e de sua ponderação e o tomam e se assenhoram da passagem infinda do tempo, ágil, e, significativamente, o transformam em desfrute subjetivo e riqueza imaterial.

Referências

BARBOZA, J. **Prefácio: em favor de uma boa qualidade de vida.** In.: SCHOPENHAUER, A. **Aforismos para a sabedoria de vida.** Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015, p. 7-14.

DEBONA, V. **A outra face do pessimismo: entre radicalidade ascética e sabedoria de vida.** São Paulo. 270 páginas. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo (USP), 2013.

SCHOPENHAUER, A. **Aforismos para a sabedoria de vida.** Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.

SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e como representação.** Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

SÊNECA. **Sobre a brevidade da vida, sobre a firmeza do sábio: diálogos.** Tradução e notas de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2017.